

Intenções ocultas
em famosos filmes



A história ao estilo de **Hollywood**

RANDY FITZGERALD

RONALD MAXWELL, que escreveu e dirigiu o aplaudido épico *Anjos Assassinos (Gettysburg)*, foi sondado por uma produtora de Hollywood para dirigir um filme sobre a expedição de Meriwether Lewis e William Clark, de 1804 a 1806, que exploraram 12 mil quilômetros através do Oeste americano, numa aventura fascinante e cheia de perigos, à altura de qualquer ficção. Maxwell se entusiasmou com o projeto.

Mas ao participar de uma reunião

sobre o *script*, tornou-se claro que dizer a verdade a respeito de Lewis e Clark não era grande prioridade. O *script* mostrava os dois exploradores sempre gracejando, discutindo e prejudicando um ao outro, como uma versão de *Um Tira da Pesada (Beverly Hills Cop)* no oeste selvagem. Quase nada revelava que Lewis e Clark eram homens extraordinários, amigos íntimos cujo apoio mútuo era vital à sua sobrevivência longe da civilização.

Maxwell disse ao executivo do estú-

dio que o *script* pouco lembrava a verdadeira história de Lewis e Clark, sobre a qual havia vasto registro em diários, cartas e outros documentos. Com um gesto da mão, o executivo descartou tudo aquilo. "Eles escreveram apenas o que o Congresso queria ouvir", disse ele, simplesmente presumindo que os dois exploradores deveriam compartilhar de sua visão cínica do mundo.

Maxwell ficou horrorizado. Ali estava uma magnífica história real. Por que tratá-la como mera forragem para mais um filme de contendas entre "parceiros"? Abandonou o *script*.

Perspectiva enviesada. Aquele embate fez lembrar a Maxwell como a história é tratada em Hollywood. Frequentemente, cobre-se de cinismo tudo o que possa ser considerado heróico, patriótico ou virtuoso.

O que se esconde sob este cinismo? Através de questionários, o professor Stanley Rothman, do Centro para o Estudo de Mudanças Políticas, e Sociais do Smith College, e S. Robert Lichter, do Centro para Assuntos Públicos e da Mídia, compilaram grande volume de dados sobre as posturas sociais de 149 escritores, produtores e diretores de 50 filmes de maior sucesso de bilheteria. Quase dois terços dos pesquisados acreditam que "a própria estrutura da sociedade produz alienação". Mais da metade não tem crença religiosa, comparados a 7% da população em geral. E menos de 6% frequentam igrejas ou sinagogas ao menos uma vez ao mês, comparados aos 52% da população em geral.

O resultado: desde a década de 60,

filmes têm demonstrado tendência cada vez maior para denegrir religiões, aceitar o relativismo moral, equiparar a riqueza com o mal, glorificar a violência e criticar figuras de autoridade.

A história tem sido sempre matéria-prima para filmes, seja como pano de fundo (*E o Vento Levou – Gone with the Wind* e *Legião Invencível – She Wore a Yellow Ribbon*), seja como um esforço para dramatizar acontecimentos importantes (*O Mais Longo dos Dias – The Longest Day* e *Apollo 13*). O sucesso da narrativa do filme está, frequentemente, sujeito à compressão do tempo e à simplificação de situações históricas. Mas existe uma diferença entre mudanças que melhoram a narrativa e distorções destinadas a enganar o público.

Apesar de todo o "ar" autêntico, por exemplo, o diretor de *O Início do Fim (Fat Man and Little Boy)*, Roland Joffe, distorce a história do desenvolvimento da bomba atômica em um panfleto cinematográfico a favor do movimento antinuclear. O filme *Jefferson em Paris (Jefferson in Paris)* retrata Thomas Jefferson como amante de uma escrava de 15 anos, embora não exista nos registros históricos nada de concreto que o comprove. E em *Hoffa – Um homem, uma lenda (Hoffa)*, estrelando Jack Nicholson, o falecido chefe do sindicato dos caminhoneiros, Jimmy Hoffa, é amplamente absolvido de sua atuação vigorosa no crime organizado, apesar de uma riqueza de provas em contrário.

Às vezes, brincar com a verdade é relativamente inconseqüente. Consi-

dere, por exemplo, o filme de gângster *Bugsy*, estrelado por Warren Beatty. Na vida real, Benjamin "Bugsy" Siegel era um assassino, chantagista e extorsionário. Ele não era, em mais uma das deturpações do filme, um patriota planejando matar o ditador italiano Benito Mussolini.

Na verdade, diz-se que Siegel manteve conversas ligeiras com Mussolini em Roma antes da Segunda Guerra

mundial, tentando lhe vender um suposto superexplosivo para ser utilizado pelo Exército italiano.

Em outros casos, as distorções são ainda mais graves. Para dar a aparência de realidade, o filme *Panteras Negras* (*Panther*), de 1995, escrito por Melvin Van Peebles e dirigido por seu filho Mario, utiliza trechos de filmes com reportagens sobre o Partido dos Panteras Negras nos anos 60. Mesmo assim, o filme é parcial ao endemoniñar as forças policiais e canonizar os Panteras. De acordo com um dos fun-

dadores do grupo, Bobby Seale, "90% do que está no filme jamais aconteceu".

David Horowitz, um ex-esquerdista que esteve envolvido com os Panteras, classifica o filme como "perigoso e paranóico", principalmente a premissa de que o FBI teria trabalhado com a Máfia para inundar os bairros



Filmes sobre empresários, o clero, os militares e outras figuras

políticas têm proliferado. Henry Kissinger ganhou seu tratamento Hollywood – à direita, o próprio, com Oliver Stone. Nas imagens da página anterior, Nixon, real, com Golda Meir, e o Nixon do filme de Oliver Stone

negros com heroína a fim de neutralizar os Panteras. Na verdade, como o antigo Pantera Seale admite, depois que ele abandonou o grupo, os Panteras se tornaram uma facção criminosa – e Huey Newton, um dos fundadores, passou a traficar drogas em Oakland, Califórnia.

Santa Joana. No ano passado, estava decidido que o roteiro de Ronald Maxwell sobre Joana D'Arc, *script* que ele passou 15 meses pesquisando e escrevendo, ia ser produzido por importante estúdio de Hollywood.

Mesmo assim, o filme é parcial ao endemoniñar as forças policiais e canonizar os Panteras. De acordo com um dos fun-

A menina Joana, camponesa devota do século XV, é uma das figuras mais curiosas da história. Aos 13 anos, teve visões e escutou vozes que lhe ordenavam dirigir um exército para libertar a França do jugo inglês. Aos 19, quase o conseguiu, quando foi capturada, acusada de heresia e bruxaria, e depois queimada na fogueira. Em 1920 foi canonizada pela Igreja Católica.

Um alto executivo do estúdio questionou a maneira pela qual a fé religiosa de Joana foi enfocada no *script* de Maxwell.

– Ela tem que rezar tanto? – perguntou o executivo.

– Sim – Maxwell respondeu. – Isso é fundamental à história do que ela foi, e do que a motivava.

O executivo não se convenceu. Achava monótono o ato de rezar, algo que acabaria por desanimar a platéia. Depois de mais discussões ele levantou outra objeção.

– Ela tem que ser tão nacionalista assim?

– É claro que ela era nacionalista – respondeu Maxwell. – Amava seu país, e o defendia.

Mas para o executivo, qualquer nacionalismo significava o mal, a raiz do antagonismo global.

Para não comprometer a integridade de seu *script*, Maxwell decidiu buscar financiamento em outra parte. Seu roteiro está sendo agora produzido de forma independente.

“Conspiração” JFK. Ninguém utiliza figuras históricas como ferramentas políticas com tanto sucesso como o diretor e roteirista Oliver Stone que, no programa *60 Minutes*, revelou estar

“tentando moldar o mundo através de seus filmes”. Em relação aos Estados Unidos, ele disse ao *Los Angeles Times*: “Temos um Estado de segurança fascista dirigindo o país.”

O filme *JFK – a pergunta que não quer calar (JFK)*, de Stone, dá a entender que o assassinato do Presidente John F. Kennedy foi nada menos que um golpe de estado. Segundo o filme de Stone, uma cabala composta pela CIA, FBI, junta de chefes do Estado-Maior, Máfia e cubanos anticastristas conspirou para matar Kennedy em retaliação à sua suposta decisão de manter os Estados Unidos fora da Guerra do Vietnã.

O filme abraça as exaltadas teorias de conspiração do promotor de Nova Orleans, James Garrison, que tentou provar, no final dos anos 60, que o assassinato de Kennedy fora uma conjuração extremista. Todo o trabalho de Garrison resultou na acusação contra um único homem de negócios de Nova Orleans, Clay Shaw. Um júri deliberou durante menos de uma hora antes de considerá-lo inocente.

JFK é uma realização tecnicamente poderosa. Existe nele um “ar” autêntico de 1963, graças à mixagem habilidosa de Stone com trechos reais de noticiários. Mas ele abusa da manipulação dos fatos:

O filme sugere que quatro homens estariam envolvidos no plano de assassinato – Shaw, um antigo piloto de uma companhia de aviação chamado David Ferrie, o detetive particular Guy Banister e o patético “bode expiatório” Lee Harvey Oswald. Todos são retratados como partícipes da

mesma conspiração. No mundo real, amplas investigações não trouxeram provas conclusivas de que sequer se conhecessem.

O filme nos diz que um misterioso oficial militar, identificado apenas como X, esteve com Garrison em um banco de parque em Washington D.C. e lhe descreveu as complexidades da ampla conspiração. Na verdade, não há provas de que Garrison tenha jamais conhecido tal homem.

O filme sugere que uma foto instantânea, mostrando Oswald empunhando o rifle do assassinato, era falsa. Na verdade, uma análise exaustiva da foto, do negativo e da câmara utilizada, mostra que ela é verdadeira.

“A teoria de conspiração em *JFK* é uma fantasia desprezível”, conclui o historiador Arthur Schlesinger, Jr., que ganhou o Prêmio Pulitzer por sua biografia do Presidente Kennedy.

A beira da difamação. No último filme de Stone, *Nixon*, ele amplia a teoria da conspiração, mostrando a cabala, que supostamente havia matado Kennedy, manipulando também o presidente Richard Nixon para impedi-lo de encerrar a participação americana na Guerra do Vietnã antes do que eles pretendiam. No filme, quando Nixon dá início à *détente* com a China e a União Soviética, Stone faz com que a cabala o chantageasse para que ele re-

nuncie. O assessor de Nixon, Alexander Haig, que, segundo sugere Stone, estaria representando a cabala, ameaça trazer a público uma das fitas de Watergate.

E assim o diretor nos dá sua versão do que havia nos famosos 181,2 minutos apagados da fita: Nixon culpando “A Fera”, a sombria cabala de Stone, por haver matado Kennedy como consequência do fiasco na Baía dos Porcos.

Stone reajusta também fatos menos importantes sobre a presidência de Nixon. Retrata-o como um alcoólatra abusivo, uma imagem contrária à observação de pessoas que o conheciam. Para Bob Woodward, o repórter que ajudou a trazer à luz a tentativa de abafar Watergate, partes do filme de Stone estão “à beira da difamação”.

Em uma época em que os jovens estão colhendo a maior parte de suas idéias na tela e não na página impressa, é sensato tecer considerações sobre o modo como eles estão recebendo informações erradas. Como diz o roteirista Lionel Chetwynd, que escreveu e dirigiu *Hanoi Hilton* (*The Hanoi Hilton*), além de outros dramas históricos, “em inúmeros casos, o único contato que as pessoas têm com a história é através da cultura popular e, para elas, filmes como *JFK* representam a realidade”.



Se ao meio-dia a rosa perdeu a sua beleza do amanhecer, aquela beleza que possuía era verdadeira. Nada no mundo é permanente, e somos tolos quando pedimos que algo dure. Mas certamente somos ainda mais tolos quando não o desfrutamos enquanto permanece.

Somerset Maugham, *The Razor's Edge* (O fio da navalha), William Heineman Ltd.